

DESAFIOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA COM POVOS INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: APRENDENDO OUTRAS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

CHALLENGES OF ETHNOGRAPHIC RESEARCH WITH INDIGENOUS PEOPLE IN PANDEMIC: LEARNING OTHER METHODOLOGICAL STRATEGIES

Rosane Duarte Rosa Seluchinesk **1**
Gisele Moura de Jesus **2**

Resumo: Com o objetivo de tratar os impactos causados pela pandemia na pós graduação *stricto sensu*, mais especificamente nas pesquisas desenvolvidas por alunos de mestrado, é que se propõe a compartilhar uma experiência, que com toda certeza é um dos tantos casos que precisou se reinventar durante a pandemia da Covid-19. Neste intuito é apresentado o percurso metodológico, desde o projeto apresentado na seleção para entrada no curso em 2020 até o desfecho final com a defesa do estudo realizado. Neste espaço de reinvenções se dá destaque ao uso das tecnologias tanto para o ensino, pesquisa e extensão que se constituem elementos da formação na pós-graduação. Por fim é possível afirmar diante desta reflexão, que mesmo diante de uma adversidade letal, onde todos corriam riscos de contaminação, foi possível realizar a pesquisa com a qualidade exigida pelos rigores científicos e outros olhares que o cenário exigiu.

Palavras-chave: Educação. Covid-19. Indígenas. Tecnologias. Pós-graduação.

Abstract: With the objective of dealing with the impacts caused by the pandemic in *stricto sensu* postgraduate studies, more specifically in research carried out by master's students, it proposes to share an experience, which is certainly one of the many cases that had to reinvent itself during the Covid-19 pandemic. For this purpose, the methodological path is presented, from the project presented in the selection to enter the course in 2020 until the final outcome with the defense of the study carried out. In this space of reinventions, emphasis is given to the use of technologies both for teaching, research and extension, which constitute elements of postgraduate training. Finally, it is possible to affirm, in view of this reflection, that even in the face of lethal adversity, where everyone was at risk of contamination, it was possible to carry out the research with the quality required by scientific rigor and other perspectives that the scenario demanded.

Keywords: Education. Covid-19. Indigenous. Technologies. Postgraduate studies.

1 Graduada em Pedagogia (UFMT), Mestrado em Educação (UFPR), Doutorado em Desenvolvimento Sustentável (UNB). Pós-doutorado em Estudos de Gênero (UNAM-México). Professora Adjunto na Universidade do Estado de Mato Grosso. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6182-9582> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4455576585988698>. Email: rosane.rosa@unemat.br

2 Graduada em Matemática (UNEMAT). Mestrado em Educação (UNEMAT). Professora efetiva SME/ Campo Novo do Parecis-MT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6672-4162>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8726649141234331>. Email: gisele.jesus@unemat.br

Introdução

As primeiras notícias sobre covid-19 eram percebidas como um problema local, e que no caso do Brasil, como era geograficamente distante não haveria nenhuma consequência. A confiança na capacidade humana, gerada pelo avanço nas ciências médicas e tecnológicas nos deu a impressão de que logo este episódio seria apenas uma notícia sobre um vírus de origem asiática que foi controlado em seu próprio continente. Mas com o passar dos dias, logo no início do ano de 2020 a situação já se tornava alarmante e ficou mais complicado quando se registrou o primeiro caso no Brasil.

O Ministério da Saúde confirmou, nesta quarta-feira (26/2), o primeiro caso de novo coronavírus em São Paulo. O homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, nesta terça-feira (25/2), com histórico de viagem para Itália, região da Lombardia (BRASIL, 2020).

A partir desta constatação a população entrou em estado de alerta, pois era real o perigo que se aproximava, ainda que o governo brasileiro se negasse a assumir que se tratava de uma questão séria que acabou levando a óbito cerca de 700 mil brasileiros. A opção por uma política negacionista contrariava os alertas dos órgãos de saúde do mundo todos e assim a imprensa e outros segmentos procuravam encontrar meios para denunciar e garantir que tivéssemos a única alternativa para conter o vírus: uma vacina ainda em estudos.

Em resposta à decisão do governo Jair Bolsonaro de restringir o acesso a dados sobre a pandemia de Covid-19, os veículos G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL decidiram formar uma parceria e trabalhar de forma colaborativa para buscar as informações necessárias nos 26 estados e no Distrito Federal (G1; O GLOBO; EXTRA; ESTADÃO; FOLHA; UOL, 2020).

Sem remédios, sem estratégias de contenção da contaminação e sem quase nenhuma orientação cada pessoa ficou responsável por si mesma e pelos outros. Neste contexto em que ora havia normativas de isolamento, ora havia necessidade de salvar a economia do país, as vidas eram contadas em gráficos e ou corpos congelados a espera de uma destinação solitária, impedindo as despedidas das vidas que haviam se apartado na entrada de unidades de saúde.

Neste cenário caótico o sistema educacional suspendeu suas atividades presenciais e acelerou o processo de informatização configurando as atividades a distância como possibilidade de continuidade do fazer pedagógico. É preciso ressaltar que o sistema educacional transcende as atividades de ensino, pois a pesquisa e a extensão também se constituem em processos de ensinar e aprender que são complementares e fazem parte de um todo que compõe o processo de formação humana. Isso se torna mais evidente no ensino superior, pois de acordo com Brasil (1988) no artigo 207 da Constituição Brasileira está normatizado que as instituições de ensino superior devem promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Reforçando a importância desta articulação temos o alerta sobre o fato de que ensino-pesquisa e extensão são “atividades complementares e interdependentes, que precisam ter valorações equivalentes no sistema universitário, sob o risco de desenvolver conhecimentos mutilantes e reducionistas” (PIVETTA, *et al*, 2010).

Justamente quando era primordial esta ação conjunta, o ensino superior enfrentou de um lado o questionamento sobre a sua eficiência e eficácia, principalmente em relação as pesquisas científicas sobre as vacinas, e de outro a necessidade de uma formação humana que questionasse a falta de empatia pelo sofrimento e a dor do outro.

Conscientes dos riscos que haviam no contato entre as pessoas, todas as atividades presenciais foram suspensas e assim tanto a graduação como a pós-graduação tiveram de reinventar suas atividades de ensino, mas também as pesquisas e as atividades de extensão. Na pós-graduação os reflexos desta decisão foram mais complexos ainda, pois além das aulas que passaram a ser online, havia um fator extremamente delicados que são as pesquisas de campo com seres humanos. Além de todas as restrições impostas pelos comitês de ética, neste momento havia um fator de risco muito elevado que envolvia uma contaminação mortal para a qual o indicativo mais forte era o isolamento.

As regras que regem a pós graduação são consideradas como essenciais para a constituição de uma rede de formação pós-graduada no Brasil. “Existe um modelo a seguir em termos de estrutura de curso, relação com a pesquisa, forma de organização da pesquisa, dedicação de professores e alunos” (BRASIL, 2010). Os programas de pós-graduação *stricto sensu* tem nos seus ritos de ingresso uma seleção que é regida por editais, nos quais sempre existe um fator considerado como elementar para que o aluno seja aceito: o projeto de pesquisa. Também é premissa que o processo seletivo para ingresso, quase sempre ocorre no ano anterior ao da entrada dos alunos no curso.

Com base nestes dois critérios, que também são válidos para o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, se estabeleceu uma situação inusitada: muitos alunos que submeteram projetos no ano de 2019 não levaram em conta que suas pesquisas teriam como limite o impedimento de contato com as pessoas.

Como realizar uma pesquisa proposta para analisar processos educativos com base em coleta de dados numa perspectiva etnográfica? Como acessar alunos indígenas para entender suas vivências em escolas urbanas? Como conversar com os professores, diretores, enfim toda a comunidade escolar? Como alterar a metodologia de pesquisa sem perder a qualidade do estudo proposto e para o qual já haviam se movido tantas expectativas? Com todos estes questionamentos e com o acesso as fontes cada vez mais restritos, os mestrandos e em especial o caso aqui apresentado tiveram de se reorganizar, pois os planos elaborados anteriormente se tornavam inviáveis por conta do tempo e da pandemia que parecia não apresentar quaisquer resquícios de se findar. As primeiras aproximações entre os autores deste artigo se deram por ocasião em que pela necessidade de realizar um estágio docência no ensino superior, etapa da formação que pode ser compreendida como atividade de extensão, também só poderia ser realizada online. Deste modo, sendo professores da disciplina de Filosofia das Ciências do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Campus de Alta Floresta-MT, foi possível receber como estagiária uma aluna que estudava mestrado em Cáceres-MT e realizava sua pesquisa na cidade de origem que é Campo Novo dos Parecis-MT. Apesar de todos os municípios pertencerem ao Estado de Mato Grosso, estão distantes uns dos outros em mais de mil quilômetros.

Neste espaço de encontros virtuais destinados a preparação e realização das aulas aconteceram os relatos das angustias provocadas pela dificuldade de realizar a pesquisa, notadamente pela abordagem etnográfica que era utilizada pelos professores. Nesta troca de informações entre professores que possuem conhecimento sobre a metodologia e estagiária que precisava ter acesso os sujeitos da pesquisa, foi possível repensar as estratégias de coleta de dados para vencer as limitações impostas pelo isolamento social determinado pela condição pandêmica. O percurso metodológico que passou a ser utilizado pela aluna-pesquisadora foi o de que para entender o outro é preciso olhar si na relação com o outro que também é sujeito e não apenas elemento de um contexto. Esta relação entre os dois mundos como condição para o conhecimento do outro se aproxima do pensamento de Buber que defende a relação primada no diálogo entre dois sujeitos como condição para conhecer e promover a alteridade.

Somente aquele que se volta para o outro homem enquanto tal e a ele se associa recebe neste outro o mundo. Somente o ser cuja alteridade, acolhida pelo meu ser, vive face a mim com toda densidade da existência é que me traz a irradiação da eternidade. Somente quando duas pessoas dizem, uma-à-outra, com a totalidade dos seus seres: “És tu!” é que se instala entre elas o Entre (BUBER, 1982, p. 65).

Com base nesta premissa a pesquisa teve o primeiro passo resgatar as vivências anteriores com os alunos indígenas que participariam da coleta de dados. Estas vivências que antecedem o período da pesquisa não são considerados como dados a serem analisados a partir de um instrumento de coleta, mas sim uma base a partir da qual se delineou o tema e o objeto de estudo que tem como objetivo conhecer a percepção dos alunos indígenas sobre a educação em escolas urbanas. Os relatos das vivências trazem a possibilidade de desvelar o que gerou a possibilidade de pesquisa, bem como as reflexões que subsidiaram atitudes e conceitos da pesquisa proposta. É por assim dizer a possibilidade de refletir sobre os antecedentes que deram origem ao trabalho que se propôs e que por conta da pandemia teve de ser remodelado. Além da apresentação destes antecedentes, também foi encontrado alternativas como a gravação de entrevistas individualizadas e ou em grupo, mas dirigida presencialmente por uma pessoa de convivência do grupo pesquisado. Todas as etapas da coleta foram orientadas e acompanhadas pelo *google meet* pelo pesquisador que no fazer da coleta de dados se encontrava distante do local.

Na composição deste artigo apresentamos a metodologia na qual é retratada como foi o processo para realizar os ajustes metodológicos do projeto, submetê-lo ao Comitê de Ética e realizar a coleta de dados, bem como elaborar a redação final da dissertação que foi defendida e aprovada conforme estabelecido pelo Programa de Pós-Graduação. Assim na primeira parte temos a reflexão sobre os desafios de fazer uma pesquisa etnográfica em tempos de pandemia. Em seguida é retomado o percurso inicialmente proposto para a realização deste estudo. Depois as estratégias de mudança para a coleta dos dados que ficou impedida de ser presencial por conta da pandemia.

No fazer da pesquisa observamos que mesmo diante dos desafios apresentados foi possível manter o que preconizava a pesquisa etnográfica, fundamental para o entendimento dos dados obtidos na pesquisa com povos indígenas, assim como as possibilidades de consulta em outras fontes via online que romperam com barreiras do tempo e do espaço. Entretanto ficará sempre uma lacuna de como poderia ter sido uma pesquisa sobre o mesmo tema, se fosse possível de realizar todas as etapas de forma presencial e sem as variáveis trazidas pela covid-19.

Desafios da Pesquisa Qualitativa Etnográfica com Povos Indígenas Haliti-Paresi em Tempos de Pandemia: Estratégias Metodológicas

Realizar uma pesquisa é sempre um caminho desafiador, são diversas variáveis que podem e devem acontecer ao longo de uma pesquisa que vão direcionando o estudo no campo teórico e empírico. Diante de uma pandemia esse percurso tornou-se ainda mais provocador, os caminhos que outrora haviam até certo ponto sido delimitados, foram drasticamente alterados/ modificados. Assim, para o/a pesquisador(a) que se encontrava/encontra-se em desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa etnográfica, a pandemia da covid-19 representou/representa uma abrupta desconstrução da “normalidade”.

Por essência, uma investigação qualitativa nos permite compreender particularidades que, certamente não seriam consideradas se partíssemos de um único prisma. Somada a um método etnográfico, que em seu seio concede um estudo investigativo e aprofundado da vida nativa, possibilita que o pesquisador passe a compreender a organização social, os aspectos culturais e identitários da vida dos sujeitos objeto de estudo. A partir da compreensão e dos pontos de vista nativo, cria-se importantes ferramentas para entender e compreender o modo de organização dessa sociedade em que o objeto está inserido ou participante.

A crescente predileção por pesquisas qualitativa segundo Flick (2009) é importante à medida que, na atualidade existe uma pluralização das esferas de vida, e essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. Do mesmo modo, desde início da década de 1980, a investigação etnográfica ganha espaço diante do fato de que, ela visa uma compreensão,

[...] dos processos sociais de produção desses eventos a partir de uma perspectiva interna ao processo, por meio da participação durante seu desenvolvimento. A participação

prolongada – em vez de entrevistas e observações isoladas – e o uso flexível de diversos métodos (incluindo entrevistas mais ou menos formais ou análise de documentos) caracterizam essa pesquisa (FLICK, 2009, p. 31).

Muito presente na antropologia, de acordo com Green e Bloome (1998), o método etnográfico também tem ganhado espaço em outras áreas, contudo, há autores que consideram que fazer o uso desta, fora do campo antropológico, não condiz com fazer etnografia, mas sim, utilizam-se de métodos e técnicas da mesma, comuns a investigação qualitativa, ou até mesmo uma Perspectiva Etnográfica. Mas, também devemos considerar que ela é um fim em si mesmo, longe de ser apenas uma ferramenta antropológica. Segundo Mattos (2011) suas contribuições e objetivos são distintos. Neste sentido então, quem deve fazer uma investigação dessa natureza? Para questionamento o próprio autor apresenta o seguinte argumento:

Qualquer pesquisador culturalmente sensível pode fazê-la, embora minha resposta aos meus alunos seja: aquele que sente um grande desconforto na boca do estômago, com algo que não vai bem na sociedade e que não passa por ele ou ela muito facilmente, isto é, se algum fenômeno social está - caindo mal para você -, este é o seu objeto de estudo. Portanto, qualquer pesquisador bem treinado em etnografia e com uma pergunta socialmente relevante deve fazer pesquisa etnográfica (MATTOS, 2011, p.31).

Em estudos educacionais, ela tem um caráter sócio interativo, deve ser sensível, rica em detalhes, fidedigna ao que relata. Olhar o Outro, sair do local de fala para ouvinte, e no ato da escrita, transportar o leito para a realidade observada. “Se o Olhar etnográfico, tanto quanto o Ouvir, cumpre sua função básica na pesquisa empírica, é o Escrever, particularmente no gabinete, que surge como o momento mais fecundo da interpretação” (OLIVEIRA, 1996, p. 13).

Todo esse arcabouço teórico a respeito do que venha a ser uma pesquisa qualitativa etnográfica, nos fez vislumbrar em desenvolver uma pesquisa de mestrado junto aos povos indígenas em contexto escolar Urbano. Que após sua conclusão, podemos dividir em dois momentos: O primeiro “Caminhos Metodológicos e Campo Empírico Antes da Pandemia”, onde podemos expressar todo vislumbre de um pesquisador(a) ao planejar uma investigação com os diferentes atores sociais envolvidos, da ideia de ir à um campo empírico bem definido e até certo ponto conhecido, por se tratar de um ambiente familiar com uma metodologia desenhada. O segundo “Uma Pesquisa em Meio a Pandemia: Desafios e adaptações”. Descreve o momento em que nos encontramos perante de uma das maiores e mais letais pandemia na contemporaneidade. Em que as relações ganham novo prisma, e diante de muitas incertezas e negacionismo, tivemos que nos adaptar/reinventar e apresentar um trabalho coerente, para tanto, foi preciso rever nossas metodologias e técnicas.

Caminhos Metodológicos e Campo Empírico antes da Pandemia

Antes do momento pandêmico, a pesquisa exploratória foi a primeira etapa, por estar em uma fase de aproximações com a temática, essa é uma ação importância para delimitar o campo empírico, e definir os/as autores sociais que viriam a compor o objeto de pesquisa. Neste sentido, descrevemos o despertar pela temática do indígena em contexto escolar urbano e a aproximação com o povo Haliti-Paresi. Também abordamos o âmbito do exercício da docência nas escolas públicas municipais e estaduais, assim como notávamos sua presença constante nos lugares da cidade e aos arredores do Município. A partir desses encontros, buscamos aprofundar nas diferentes variáveis que culminavam na presença de indígenas nesses espaços, em especial na escola urbanocêntrica, notoriamente desarticulada da realidade e anseios dos povos originários.

No percurso, nos chamou atenção os dados do censo demográfico realizado em 2010, que de acordo com o IBGE (2012), apresenta dados que revelam que, no Brasil há mais de 827 mil indígenas, destes, cerca de 315 mil vivem em áreas urbanas. Os motivos que levaram a estes deslocamentos estão relacionados a múltiplas situações, que vão desde a expulsão de suas terras até outras situações muito recorrentes, como a falta de oportunidade de escolarização e assistência à saúde nas suas comunidades, desejo de melhores condições de sobrevivência. Após algumas análises, construímos um projeto de pesquisa a ser submetido ao CEP (Conselho de Ética em Pesquisa). Em que os limites e possibilidades no processo de delimitação do campo empírico foram pensados a partir do entendimento de que teríamos a possibilidade de desenvolver um trabalho em que nosso único obstáculo mais latente seria as relações entre o ser nativo e se fazer estranhar naquele espaço-tempo.

De forma sucinta, o que havíamos delimitado como metodologias, estava sempre relacionado a um “estar presente”, realizar pesquisa de campo com observação na perspectiva sistemática, juntamente a toda equipe pedagogia e secretariado municipal de Educação. Com objetivação de coleta de dados através de entrevistas semiestruturada, questionários, formulário e rodas de conversas, em alguns momentos (reunião de pais e metes, feiras de conhecimento) conversas com os pais desses alunos (indígenas e não indígenas), quando presentes neste ambiente escolar, contudo, a observação e anotações era nossa maior esperança de fazer-se invisível naquele espaço, ao mesmo tempo em que, enriquecíamos nosso trabalho com aquilo que transparecia fora da palavra, na ação, no fazer, nas representações cotidianas. Ainda pensávamos em apresentar Características Socioeconômicas do município.

Mesmo diante de rumores da chegada de uma pandemia, nos parecia certo manter as metodologias pensadas em outrora. Ademais, não imaginávamos que se espalharia tão rapidamente e que insistiria em permanecer por tanto tempo e causar tantas perdas inseparáveis. Assim, submetemos ao CEP a primeira versão do Projeto de Pesquisa, que na altura de sua correção/análise, estávamos ainda mais temerosos, pois já havíamos atingido um número significativo de mortos em território nacional, conforme apresentado no site da Folha de São Paulo - Uol (2020) no dia 24 de novembro de 2020 o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) informou que o Brasil superou a triste marca de 170 mil mortes decorrentes do novo coronavírus (Sars-CoV-2).

Ao defrontar com este cenário, o parecer substancial do CEP, informou que dentre as pendências a serem sanadas, deveríamos; rever os riscos relacionados à pandemia e readequar a metodologia considerando esses riscos. Deveríamos também, descrever nos riscos a possibilidade de alguém se contaminar pela Covid-19 e apresentar as medidas mitigadoras para as atividades que seriam realizadas de forma presencial, nessas medidas mitigadoras, informar como adotariamos as medidas no que diz respeito ao uso de máscara, álcool gel, distanciamento social e uso do espaço aberto ou fechado para minimizar a possibilidade de transmissão da Covid-19. E que essas informações deveriam incondicionalmente estar contidas no TCLE, e no projeto de pesquisa.

Sem uma proteção farmacológica, o que nos restava neste momento enquanto pesquisadores era zelar pela vida daqueles(as) que viriam ser os participantes naquele momento, através das medidas mitigadoras. O que nos acompanhava neste primeiro ano pandêmico eram as incertezas e medo ante “uma necropolítica, que minimizava o potencial devastador de um vírus letal” (MBEMBE, 2016). Assim demos início a um segundo momento de nossa caminhada enquanto pesquisadores em meio a uma pandemia, investigando um objeto de estudo que se pautava na análise, observação e participação com do/com outro.

A Pesquisa em Meio a uma Pandemia: Desafios, construções, adaptações e ressignificação

Todo o contexto acima, é parte auto explicativa dos motivos pelos quais a pandemia nos impossibilitou de considerarmos uma pesquisa etnográfica em sua definição mais estrita. Após uma análise minuciosa e considerando que a pandemia nos acompanharia até ao término do estudo, decidimos que uma pesquisa qualitativa com análise na perspectiva dialética crítica de cunho etnográfico, seria adequada à temática pesquisada. Esta opção se pauta na ideia de que:

O enfoque crítico dialético se difere dos estudos fenomenológicos em si, pois trata de apreender o fenômeno em seu trajeto histórico e em suas inter-relações com outros fenômenos. Busca compreender os processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades (GAMBOA, 2013, p.75).

Quanto a adoção do termo “cunho etnográfico” surge mediante ao fato de que não realizamos “um trabalho de campo observacional intenso e de longo prazo” (JUNG, 2003, p. 87), Segundo André (1995), esse tipo de adaptações nos leva a crer que: “[...] o que se tem feito, pois, é uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito” (ANDRÉ, 1995, p. 28).

Os instrumento e técnicas de coleta de dados foram ressignificados, reconstruídos e reavaliados, novos termos e aportes metodológicos de pesquisa, passaram a fazer parte da nossa realidade como a pesquisa netnografia, que tem no seu precursor Kozinets (2014), pois ele considera que “quatro passos são importantes: identificar-se e informar os constituintes relevantes sobre a pesquisa; pedir permissões apropriadas; obter consentimento quando necessário; citar e dar o devido crédito aos membros. Após adiarmos por alguns meses, o processo de ir a campo, devido ao rígido e necessário distanciamento social, neste meio tempo, buscamos novas técnicas e ferramentas para coleta de dados, os encontros online na plataforma Google Meet, passaram a fazer parte de nossa investigação.

Todos estávamos aprendendo juntos a lidar com as novas formas de fazer pesquisa. o “clássico” caderno de campo ganhou uma extensão digital em formato de pastas de arquivo no nosso notebook” (SILVA, 2021, p. 160). E para aqueles que estavam realizando pesquisas com povos indígenas, essas práticas aumentaram diante dos primeiros estudos que apontavam a vulnerabilidade das populações indígenas, um deles, realizados pela Fiocruz e divulgado em seu 4º relatório técnico, apontavam que; “A população indígena em zona urbana reside majoritariamente em municípios com alto risco para Covid-19, totalizando 190.767 indígenas nessa situação. Corresponde a 67,5% da população indígena urbana do Centro-Oeste” (FIOCRUZ, 2020, p. 2). Com relação aqueles indígenas que moram na Zona Rural no Brasil, o mesmo relatório informou que; “Cerca de 22% (89.000) da população reside em municípios com alto risco (>50%) de epidemia a curto prazo, com destaque para a Amazônia Legal, com 21,1% da população rural nessa condição” (FIOCRUZ, 2020, p. 2).

Defronte aos dados, “para não agravar mais as vulnerabilidades da população indígena no atual contexto pandêmico, as pesquisas de campo envolvendo essa população tiveram que ser reinventadas, sobretudo as etnografias” (SILVA, 2021, p. 158).

As escolas as quais realizamos as pesquisas, recebem alunos indígenas que vivem em zona Rural, mas que por diversos motivos citados anteriormente, se deslocam para a área urbana para continuar seus estudos. Desta forma, em um primeiro momento todos os alunos indígenas ficaram isolados em suas aldeias, da mesma forma que os alunos não indígenas ficaram em distanciamento social em suas casas. Enquanto pesquisadores, nos restou fazer nossos primeiros contatos com as instituições envolvidas por WhatsApp. Neste momento foi possível observar que as novas tecnologias emergiram como uma ferramenta de amparo, nos permitiu a continuidade de uma rede de comunicação, de colaboração entre profissionais, responsáveis, pesquisadores e participantes. As adaptações em diferentes aspectos; Agenda de pesquisa; Pesquisa documental e Trabalho de rede. As pessoas se encontravam e estão assoberbadas, com tempo mais restrito e muitas tarefas a ser desenvolvidas (aprender gravar vídeos, participar de conferências online, dominar as plataformas digitais, subir aulas, enfim, se reinventar. A pesquisa em sua essência é interativa, e pesquisar nesse contexto não foi tarefa fácil.

Realizamos entrevistas pelo google Meet, Vídeo conferências, áudio em WhatsApp, envio de formulários pelo google docs. Participamos de encontros e simpósios que tratam a temática indígena. Em um deles, “A Semana dos Povos Indígenas” organizado por; Povos Indígenas - Ação Saberes Indígenas na Escola - ASIE/UFMT/UNEMAT/UFRR - COEDUC/PPGE/UFMT - PPGAS/UFMT, tivemos a oportunidade de ouvir diversos professores indígenas que relatavam muitos dos assuntos

que a nos era de extrema importância como, a educação escolar indígena e o deslocamento de estudantes indígenas pela falta do ensino em aldeias.

Assim, o espaço de pesquisa escolhido (a escola), também se movimentou para adequar-se ao contexto pandêmico, essa organização foi assegurada pelo parecer de nº 5/2020 do Conselho nacional de educação.

Em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) veio a público elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da COVID-19. Em decorrência deste cenário, os Conselhos Estaduais de Educação de diversos estados e vários Conselhos Municipais de Educação emitiram resoluções e/ou pareceres orientativos para as instituições de ensino pertencentes aos seus respectivos sistemas sobre a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais (BRASIL, 2020).

Com a volta parcial dos alunos ao espaço físico escolar, demos início a pesquisa, divididos em dois grupos A e B, os alunos estudavam por um período de quinze dias, após, ficavam os outros quinze dias em casa. Estabelecer uma conexão com os alunos foi difícil, à medida que muitos responsáveis pelos alunos indígenas chegaram a um consenso de que deveriam continuar isolados. Com menos alunos indígenas do que havíamos imaginado, fazer uma aproximação e torna-se um deles levou um certo tempo. Após estar até certo ponto adaptada e já não ser mais um “estranho” naquele local, podemos então observar aquele contexto de forma mais satisfatória. Contudo, a ausência de uma parte muito significativa era algo que nos deixava ansiosos.

Com a chegada das vacinas e com uma campanha de imunização lenta, aos poucos fomos apresentados a novos rostos. Todavia, com os rostos cobertos pelas máscaras, respeitando uma certa distância e fazendo uso de mecanismos para nos defender do contágio, a sensação de que não estávamos alcançando a totalidade de nossos objetivos.

Há elementos importantes não verbais que não são captados em pleno quais sejam a postura, o gesto e o contexto. Não são alcançados com profundidade, na sua totalidade, sem a interação face a face[...]. Cada entrevista expressa de forma diferenciada a luz e as sombras da realidade, por isso, quando analisada, precisa incorporar o contexto e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada por informações provenientes da observação do cenário em estudo (PRESADO; BAIXINHO; OLIVEIRA, 2021).

Considerações Finais

O ingresso no mestrado e as expectativas de realizar uma pesquisa dos muitos alunos que entraram na Pós-graduação no ano de 2020 foram severamente impactadas, notadamente aqueles que tinham como metodologia realizar estudos sobre a sociedade com dados primários. A pandemia obrigou a todos encontrar outros caminhos, que na maioria dos casos os remeteu ao uso das tecnologias para evitar o contato presencial, seja nas atividades de ensino, pesquisa ou extensão. conforme observamos nesta particularidade, que se tornou uma regra para todas as pesquisas que envolviam a presença humana, foi necessário procurar alternativas para além de medidas mitigadoras, pois o vírus era em muitos casos letal.

Assim durante os breves quatro meses desta pesquisa em formato híbrido, que pareceram intermináveis diante de tantas adversidades que envolvia o emocional de todos, tivemos de conviver com o distanciamento, e ainda assim temer pela possibilidade de alguém envolvido na pesquisa contrair a doença. Como a condição de pandemia nos direcionou por outros caminhos teóricos/metodológicos, que outrora não havíamos escolhido, também as referências e leituras precisaram de outros aportes, o que estendeu o tempo de levantamento de informações como, por exemplo, em relação aos usos de tecnologias na coleta e mesmo análise de dados. Todos estes fatores foram ainda acrescidos de questões sensíveis, como a ética da pesquisa, para respeitar as normas estabelecidas pelos órgãos responsáveis pela defesa da vida diante de uma pandemia. Inclusive o respeito em não fazermos visitas as aldeias, conforme os decretos e recomendações da FUNAI e de outros órgãos responsáveis.

Perante isso, consideramos que nesta presente pesquisa, o exercício etnográfico online foi precursor à etnografia presencial. Mas, também tivemos gratas surpresas, como as participações

nos eventos promovidos tanto nas universidades estaduais e federais, quanto em diversos territórios indígenas que passaram a ser online e assim permitiram alcançar espaços que não seriam possíveis pela distância ou dificuldades de acesso.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 1995.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença**. Brasília, 2020. Ascom SE/UNA-SUS, 27 de fev. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20confirmou,para%20it%C3%A1lia%2C%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia>. Acesso em: 20 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP Nº 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional da Pós-graduação – PNPG 2011 a 2020**. Brasília-DF: CAPES, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. Trad. Marta Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

FIOCRUZ/FGV. **Relatório Técnico. Risco de espalhamento da COVID-19 em populações indígenas: considerações preliminares sobre vulnerabilidade geográfica e sociodemográfica**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/relatorios_tecnicos_-_covid-19_procc-emap-ensp-covid-19-report4_20200419-indigenas.pdf; acesso em 22/06/2020. Acesso em: 12 nov. 2021.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO - UOL. **Brasil tem mais de 170 mil mortes por Covid-19 e 6,1 milhões de casos**. São Paulo, 24 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/11/brasil-tem-mais-de-170-mil-mortes-por-covid-19-e-61-milhoes-de-casos.shtml>. Acesso em: 22 set. 2021.

G1, O GLOBO, EXTRA, ESTADÃO, FOLHA e UOL. **Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19**. São Paulo, 08/06/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 22 dez. 2021.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas**. Chapecó, SC: Argos, 2013.

GREEN, J.; BLOOME, D. **Ethnography and ethnographers of and in education: a situated perspective**. In: FLOOD, J.; HEALTH, S. B.; LAPP, D. (Org.). *Handbook for literacy educators: research in the community and visual arts*. New York - USA: Macmillan, 1998. p. 181-202.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JUNG, N. M. **Identidades sociais na escola**: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngue. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A.; Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. *In*: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Org.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr>. Acesso em: 19 set. 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. *Arte & Ensaios*, n. 32, p. 123–151, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 19 set. 2022.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 20 set. 2021.

PIVETTA, Hedioneia Maria Folett *et al.* Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária: em busca de uma Integração Efetiva. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 377-390, jul./dez. 2010. ISSN 1516-4896.

PRESADO, Maria Helena; BAIXINHO, Cristina Lavareda; OLIVEIRA, Ellen; S.F. Investigação qualitativa em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online], v. 74, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Swp39qvyQvTzqqbWYX9bvKN/?lang=pt#.Pub>. Acesso em: 21 set. 2022.

SILVA, Maria da Penha da. Pesquisa Etnográfica com Povos Indígenas em Pernambuco: Estratégias Metodológicas Mediante a Pandemia do COVID-19. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, [S.l.], v. 8, n. 1, set. 2021. ISSN 2446-6972. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/249334>. Acesso em: 17 set. 2022.

Recebido em 28 de janeiro de 2022.
Aceito em 19 de dezembro de 2022.